

Lula quer comprar a briga contra a dívida externa

Jorge Cardoso

Na entrevista que deu, ontem, aos correspondentes estrangeiros, o candidato do PT Luiz Inácio Lula da Silva, reafirmou sua intenção de suspender o pagamento da dívida externa e realizar uma auditoria para saber como ela foi contraída. O assunto tomou a maior parte do tempo da entrevista com os jornalistas. Lula deixou claro também que as classes dirigentes do País terão que perder seus privilégios para haver maior distribuição de renda.

Lula contestou os argumentos usados por economistas da linha ortodoxa de que a suspensão do pagamento da dívida impediria a entrada de dinheiro novo no País. Segundo o candidato do PT, não há mais como aceitar essa argumentação porque somente no governo Sarney o Brasil pagou 56 bilhões de dólares de juros da dívida e obteve apenas 16 bilhões de dólares de novos empréstimos. Lula disse aos correspondentes estrangeiros que "em algum momento da história de um País é necessário se comprar uma briga. Vamos fazer isso para defender nossos interesses, mas sem bravatas", afirmou.

Deixou claro também que vai buscar o apoio de outros países do Terceiro Mundo para combater os credores, "o que vai sobrar para o terceiro mundo? A Ásia está formando um bloco para defender seus interesses, a Europa vai se unificar economicamente em 1992 e os Estados Unidos, Canadá e o norte do México vão formar um mercado comum. Por que não podemos também defender nossos interesses? Questionou.

Estatais — Lula foi claro também sobre como vai tratar os empresários durante o seu Governo. Respondendo a uma pergunta da correspondente Diana Renê, da "Deutsche Press", Alemanha Ocidental, disse que a classe empresarial do País vai ter que perder privilégios para haver uma maior distribuição de renda. Descartou também qualquer privatização. "Não conheço nenhum empresário que queira uma estatal deficitária", disse, garantindo que vai democratizar as estatais.

O candidato do PT falou também sobre a candidatura de Sílvio Santos, "uma armação do presidente Sarney, que vetou o prazo de filiação partidária definido pela Lei Eleitoral". Segundo Lula, mais um golpe para evitar que a esquerda chegue ao poder. Sobre suas relações com Brizola, afirmou que a tendência natural será a união no segundo turno, apesar das diferenças entre os dois.

Brizola

Qual a diferença entre Lula e Leonel Brizola? Ante a pergunta de Richard Foster, um dos correspondentes estrangeiros, Luiz Inácio Lula da Silva bateu duro em seu adversário: "o Brizola tenta repetir que o Getúlio Vargas é uma coisa a ser seguida. É o espelho dele, mas não é o meu. Afinal, Getúlio Vargas implantou no Brasil a "Carta del lavoro" que Mussolini implantou na Itália". Lula referia-se a Consolidação das Leis do Trabalho assinada por Getúlio, em 1943.

Entre as "muitas diferenças", Lula ressaltou ainda que Brizola não permitirá a ocupação de terras improdutivas pelos trabalhadores "sem terra" caso seja eleito, instalando os trabalhadores na beira das estradas. "Onde não dá para plantar nada", provocou Lula, que se considera um candidato "motivado pela organização popular", enquanto Brizola não teria esta representatividade. "Para ele, quanto menos forem organizados os trabalhadores, melhor".

Apesar das diferenças, Lula faz questão de frisar que "tudo isto é secundário" e que, caso Brizola vá para o segundo turno contra um candidato conservador, a união entre PDT e PT será natural. Ao ser indagado pelo correspondente do "New York Times", se era comunista ou socialista, Lula provocou risos, apresentando-se como sempre faz, como um simples torneiro mecânico, mas, explicando em seguida, que é um socialista. "Mas do ponto de vista eleitoral, isso não tem a menor importância, porque o povo não age ideologicamente.



O candidato denunciou que Sarney pagou US\$ 56 bi de juros e obteve apenas US\$ 16 bi de empréstimos

Correspondentes saciam curiosidade natural

O candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, conseguiu responder às expectativas de 19 correspondentes estrangeiros que o entrevistaram ontem na Câmara dos Deputados. Por duas horas Lula foi submetido a todo o tipo de pergunta, desde o tratamento que pretende dar à dívida externa, privatização das estatais, sua posição ideológica, até os estragos que a denúncia de corrupção na prefeitura de São Paulo e a tragédia da favela Nova República podem fazer na sua campanha. Para os correspondentes, Lula foi claro e objetivo nas suas respostas, servindo para que todos conhecessem melhor suas posições.

A entrevista coletiva com os correspondentes foi organizada pelo comitê

da campanha de Lula, uma vez que vários jornalistas estrangeiros, segundo a assessoria do candidato, vinham querendo entrevistá-lo. Renê Humberto, da agência britânica "Reuters", explicou que há uma curiosidade natural entre os correspondentes sobre Lula, que é o terceiro colocado nas pesquisas e pode vir a ser eleito presidente da República. Os jornalistas estrangeiros evitaram analisar, em profundidade a entrevista de Lula, alegando que, por serem correspondentes no País, não poderiam opinar sobre as declarações dos candidatos a presidente da República, a não ser nos jornais em que trabalham.

Objetivo — O correspondente da "Ansa", agência de notícias da Itália, Humberto Gianini, que há muito tempo tra-

balha no Brasil, afirmou que a entrevista de Lula serviu para que os jornalistas de outros países conhecessem mais de perto as posições do candidato. Segundo Gianini, Lula se expôs e não fugiu às perguntas. Georgi Mc Cabe, da "Newsweek Magazine", disse que o candidato do PT "foi claro e objetivo nas respostas que deu. Mc Cabe quis saber qual era a posição ideológica do candidato. Lula respondeu que era socialista democrático.

Já estão no Brasil para a cobertura das eleições presidenciais cerca de 500 jornalistas estrangeiros, vindos de quase todos os países do mundo e estão cadastrados junto ao Tribunal Superior Eleitoral em torno de 1.500 jornalistas, representando 140 empresas brasileiras, contra 115 estrangeiras.